

Laé de Souza

***NOS BASTIDORES
DO
COTIDIANO***

Crônicas

27ª edição
2016



Índice

Esmeraldo, o garçom	06
Maluco Beleza	09
Padrinho de casamento	13
Regras para o révellion	16
Dentinho	19
Viagem do Armindalino	21
Casa de praia	24
Morreu Zé Pinguinha	26
O grande diretor de teatro	29
Indecisão no Metrô	32
Maluco Beleza no emprego	35
Minha nova doméstica	38
O Astronauta	41
Exemplo de homem	43
Sou Jesus e já voltei	46
Luandécia e sua patroa	49
Reencontrando amigos	52
A volta da Luandécia	55
Coragem de optar pela arte	58
Glossário.....	61
Projetos de Leitura	62
Obras do autor	63

Nota: Na página 61 constam algumas palavras com seus significados (Glossário) para facilitar a compreensão dos textos.

Esmeraldo, o garçom

Esmeraldo servia um bife acebolado, enquanto outro cliente fazia insistentes sinais chamando-o. Ele, fingindo não perceber para não interferir no seu trabalho, atendeu com presteza, e só então deslocou a sua visão à outra mesa (aí que descobri que, quando chamamos um garçom e parece que ele não vê, às vezes, está vendo e finge que não vê). Acostumado com os tipos e, pela cara, sentiu que era reclamação, e era mesmo. O sujeito, irritado, sentia-se indignado com a refeição. O macarrão estava grudado e o molho salgado.

Esmeraldo, educadamente, perguntou:

- Como é o seu nome, senhor?

O cliente, mais irritado ainda, respondeu:

- Jonas.

- Pois é, senhor Jonas, vou lhe explicar como funcionam as coisas - disse-lhe Esmeraldo.

- A minha função aqui é a logística. Ou seja, coletei os pedidos do cliente, passo para a copa, que o manda à cozinha. Daí para a frente, não interfiro em nada, até que eu ouça dois toques da sineta, o sinal de que o meu pedido está à disposição. Então, apanho a mercadoria, vejo se está bem separada, cada qual em sua bandeja e faço a distribuição para os clientes. Quanto a verificar se os produtos estão perfeitos, se a qualidade é boa, foge ao meu alcance e, se o fizesse, estaria me intrometendo no trabalho de outro setor, com

o que o senhor há de concordar, seria antiético. Agora, é responsabilidade minha e o senhor pode me chamar a atenção que eu vou abaixar a cabeça, se ocorreu alguma coisa que me diz respeito, como: seu pedido veio trocado? Sua cerveja chegou quente? O refrigerante *diet* da sua esposa e as cocas normais dos seus filhos não vieram certinhos, como pedidos? Sua comida veio misturada, decorrente do transporte da copa até a sua mesa? Deixei cair um copo ou derramei molho na mesa ou em algum dos senhores? O senhor pode não ter percebido, senhor Jonas, mas assim que a sineta tocou, corri para trazer sua refeição. Se houve demora, foi lá para dentro, mas não no serviço de distribuição. Agora, se o senhor quer fazer reclamação do serviço da produção, posso chamar o cozinheiro ou, então, o senhor Manoel, que é o dono, portanto, é quem tem de ouvir essas reclamações, não eu. Aliás, aqui pra nós, acho que o senhor tem de reclamar com ele sim, porque esse cozinheiro é muito folgado e anda fazendo as coisas de qualquer jeito. É a segunda reclamação injusta que recebo hoje. Que culpa tenho eu, senhor Jonas, que estou aqui do lado de fora, nem sabendo do que está acontecendo lá dentro e alguns clientes sem atentar para isso, me chacoalham? O senhor, sinceramente, não acha que é injusto, seu Jonas? Vou chamar o seu Manoel, o senhor reclama do macarrão, do molho e não diga que falei nada, mas pode reclamar que a carne está dura, porque sei que está, pois alguns clientes já reclamaram. Lá está o seu Manoel. "Seu Manoel! Seu Manoel, faz o favor!"

Enquanto o senhor Manoel se aproximava, Esmeraldo cochichou para o cliente:

- O senhor pode reclamar do que quiser, seu Jonas, mas não da comida fria, porque se esfriou foi por culpa sua que iniciou a conversa, deixando-a esfriar.

Jonas, mulher e filhos, boquiabertos, olhavam para o

Esmeraldo e o senhor Manoel, que todo solícito dizia um "Pois não", bem macio.



Maluco Beleza

Ciro era o seu nome de batismo, mas até a mãe o chamava de Maluco Beleza. Barba, bigode e sempre de óculos escuros, ele mesmo se apelidou e o apelido pegou. Não que se parecesse com o ídolo do rock, ao contrário, poder-se-ia até dizer que era uma afronta e desrespeito chamá-lo assim, pois tinha muito de maluco, mas pouco de beleza. Aliás, uma das suas grandes virtudes, se é que assim se pode falar, era inventar apelidos. Se bem que se dissesse que ele era até mais ou menos em luta de capoeira e, que já se arriscara a dar pequenos shows de dança, ao som de um berimbau, no Anhangabaú, faturando uns trocados. Tinha gente que até evitava cruzar com ele, para que não lhe fosse colocado algum apelido. Quando não podia chamar o fulano pelo apelido que inventava ou falar para alguém do lado, pensava em um. Bastava olhar para uma pessoa e já estava com um apelido no pensamento. Era na rua, no mercado, no cinema, na feira, no ônibus, no metrô. Vasta lista e, quando alguma "vítima" era parecida com alguém e fazia jus a um mesmo apelido, por não ter outro à altura, numerava. "Valdick Soriano 2", "Xuxa 7", "Xuxa Falsa 4", "Pelé 26"; "Clodovil 6"; mas, quando não tinha sido ainda utilizado, aí era só "Pimentinha", "Mosquito", "Queixo Duro", "Cara de Mercedes", "Espetadinho", "Empinadinha", "Girafa" etc. Mas foi, justamente no metrô, e apelidando por pensamento, onde o Maluco Beleza se deu mal. Tomara o trem com

destino à Praça da República para acertar um lance de venda de objetos *hippies*. No vagão, um feioso forte estava em pé. Por mais que procurasse outro, não encontrou, lançando-lhe, portanto, o apelido de Maguila 3. Em pensamento, claro. Olhava para um lado para o outro, colocando apelidos em todos que conseguia ver. Era Rasputim, Chita, Dentinho, De Quatro, Peito de Aço, Assustado, Fafá 18, Sem Dentes, Glória Menezes, e sempre retornava a vista ao Maguila 3 e falava consigo mesmo:

- Não tem jeito, é "Maguila 3" mesmo, não tem outro melhor.

O feioso não estava gostando daquelas olhadelas do Maluco Beleza e enfeiava mais ainda a cara. Do lado direito, uma senhora dava informações diversas ao seu sobrinho que, ao que tudo indicava, tinha vindo do norte naqueles dias. Falava sobre o funcionamento daquele meio de transporte. Que se for impedido de fechar a porta, o trem não anda. Que aquela caixinha de plástico é para que, numa emergência se quebre com um soco; que aquele banco ali (e apontava para o que estava sentado o Maluco Beleza) era destinado a gestantes, idosos e deficientes físicos. "Se bem que muitos ignoram, outros fingem que cochilam ou que não veem." O sobrinho, que já tinha sido apelidado de "Babaca 103", ouvia tudo boquiaberto. E a senhora, chamada pelo "Maluco Beleza" de "Papagaio Inteligente", continuava sua explanação que era ouvida em quase todo o vagão: "No cruzamento da Sé, um trem passa por cima do outro. Outra coisa: se for sair na Sé, se cuida, senão perde tudo que tiver no bolso."

O papo ia por aí afora, com o sobrinho ligado e querendo aprender tudo, quando o Maguila se invocou e, chegando bem perto e ameaçador, perguntou:

- O que é que tá olhando tanto, barbicha? Tá me achando com cara de quê? - no reflexo, sem pensar, o Maluco Beleza

respondeu:

- Não é nada não, Maguila.

Levou uma bordoadada no ouvido e caiu no chão. Uma senhora que fazia crochê se assustou e deixou cair uma tesoura, que o Maguila apanhou e usou para cortar a barba do Maluco Beleza, dizendo que era sorte dele aquela tesoura, senão ele iria perder a barba no puxão.

Um magrela que, por conta de insinuações da velha, havia se enchido de pacotes, sacolas e bolsas no colo e que aparecia do nariz para cima (e que logo que entrara fora apelidado de Palito e depois substituído por Burro de Carga) se assustou e deixou cair tudo no piso do trem. O tal Babaca 103, num gesto de coragem e para ver se funcionava mesmo, tacou a mão na caixinha de emergência para fazer o trem parar. Um moleque que distribuía santinho, fazendo-se de mudo, aproveitou a confusão e pegou uma das bolsas que tinha

